

DA PALAVRA AO GESTO: exortações da *Torá*, símbolos e rituais preservando a identidade e o sentimento de comunidade judaicos¹

*FROM WORD TO GESTUR: jewish symbols and rituals
preserving jewish identity and jewish community*

Ana Lúcia Galinkin^()*

RESUMO

A *Torá*, livro sagrado do judaísmo, considerado o plano divino revelado a Moisés, contém 169 exortações a lembrar e a não se esquecer dos mandamentos divinos. Essas determinações a guardar na lembrança e a obedecer aos mandamentos, como também a transmiti-los às futuras gerações, que estão expressas nos versículos contidos em alguns capítulos texto sagrado, levou à criação de símbolos e rituais para diversas ocasiões da vida judaica. Neste texto serão apresentadas algumas incitações a lembrar, expressas em versículos da *Torá*, e os símbolos e rituais criados a partir desses versículos, que ativam a lembrança dos mandamentos e preservam o sentimento de comunidade e a identidade do grupo.

PALAVRAS-CHAVE: *Torá*. Judaísmo. Lembranças dos Mandamentos. Símbolos. Rituais.

ABSTRACT

Torah, the sacred scriptures of Judaism, considered the divine words revealed to Moses, has some 169 exhortations to remember, not to forget the divine commandments and to transmit them to the next generations. These determinations to remember and to obey the divine commandments were transformed into symbols and rituals to many occasions of the Jewish life. In this text are presented some incitements from the Torah which were transformed into symbols and rituals that activate the memory and preserve the sense of community as well as the Jewish identity.

KEY-WORDS: *Torah. Judaism. Commandments. Remembrance. Symbols. Rituals.*

^(*)Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo – USP/SP Pós-Doutorado em Psicologia Social pela Université René Descartes, Paris. Mestrado em Antropologia Social pela Universidade de Brasília. Psicóloga pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora orientadora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília. Email: anagalinkin@gmail.com

¹ O texto aqui apresentado foi composto de partes da tese de doutorado em Sociologia, não publicada, *Os Filhos dos Mandamentos*: uma discussão sobre a identidade judaica no contexto dos rituais de maioria *Bar Mitzvá* e *Bat Mitzvá*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo-SP.

INTRODUÇÃO

Torá, denominação do livro sagrado do judaísmo, em hebraico significa ensinamento. É composta pelos cinco livros de Moisés e considerada pelos fiéis como o plano divino da criação revelado ao patriarca no Monte Sinai. Entre os judeus religiosos os sábados devem ser dedicados ao estudo da *Torá*, ou seja, ao estudo dos ensinamentos contidos no livro sagrado. Em vários versículos de diversos capítulos da *Torá* há as exortações para que o observante da doutrina se lembre, não se esqueça dos mandamentos divinos e os transmita às gerações futuras. Yerushalmi comenta que “a exortação a lembrar aparece nas Escrituras 169 vezes, sempre relacionada a Israel e a Deus, e a intimação a não esquecer tem a mesma importância imperativa nos textos sagrados” (1992, p. 32). Essas determinações a lembrar e a obedecer aos mandamentos, como também a transmiti-los às futuras gerações, levou à criação de símbolos e rituais para diversas ocasiões da vida dos judeus, compondo parte significativa das expressões religiosas judaicas.

Segundo Geertz (1989) os significados de uma religião são armazenados em símbolos e a importância destes está em identificar o fato com o “valor no seu nível mais fundamental, de dar um sentido normativo abrangente àquilo que, de outra forma, seria apenas real” (p.144). Para o autor, “os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticas – e sua visão de mundo” (p.103). É ainda Geertz quem afirma:

os símbolos são formulações tangíveis de noções, abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis, incorporações concretas de ideias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças [...] e estabelecem poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens (GEERTZ, p.105).

Quanto aos ritos ou rituais, aqui tratados como sinônimos, entendidos como mensagens culturais metafóricas informam tanto sobre os sistemas cosmológicos daqueles que o realizam, quanto sobre aspectos particulares da estrutura e das funções de suas relações sociais. Servem como indícios sobre pensamentos e sentimentos dos atores em relação a si mesmos e a suas relações sociais, possibilitam depreender princípios e concepções culturais que orientam a vida social e permitem uma compreensão do Universo, seu ordenamento, suas normas e processos (TURNER, 1974; LEACH, 1966, 1978; TAMBIAH, 1985). A própria performance ritual é, ainda, uma demonstração da distintivi-

dade de seus realizadores, tornando público quem são eles e suas diferenças em relação a outros grupos e religiões. Dessa forma, atualizam a identidade social assim como o sentimento de comunidade. Yerushalmi (1992) chama a atenção para o papel dos ritos como um poderoso mecanismo de preservação da memória coletiva e, por consequência, da identidade. Afirma o autor “[...] *somente aquilo que foi transfigurado em ritual e liturgia estava dotado de possibilidades reais de sobrevivência e permanência*” (1992, p. 60). Mary Douglas (1976) também afirma sobre o papel mnêmico dos rituais.

Mas o rito social, além de comunicação simbólica, também “faz coisas” ao induzir pensamentos e sentimentos através dos símbolos rituais e religiosos (LEACH, 1978; GEERTZ 1989) e a realidade social é transformada, como na mudança de *status* nos ritos de passagem de uma identidade para outra (VAN GENNEP, ([1908]1960) ou na cura através da magia (LEVI-STRAUSS, 1991). A linguagem ritual, no sentido performativo em que dizer é fazer, é considerada uma forma de atuação sobre o real, transformando a realidade como coisas poluídas em puras e mudanças de lugares e papéis sociais como a assunção de novas identidades, podendo ainda induzir sentimentos e ações (AUSTIN, 1990; TAMBIAH, 1985). Isto porque o ritual tem um propósito que se realiza através de mecanismos analógicos de eficácia simbólica, e seu poder transformador está contido na força de sua formalidade e de sua convencionalidade somadas aos princípios orientadores e modelos cognitivos condensados em seus símbolos (TAMBIAH, 1985).

A identidade, tanto individual quanto social, por sua vez, tem o sentido de mesmo e remete aos termos da igualdade e da alteridade, pois identificar significa, ao mesmo tempo, separar, diferenciar e tornar igual (MEZAN, 1987) e para tanto é preciso comparar. São diversas as fontes que uma pessoa pode lançar mão para compor sua identidade, como religião, costumes, raça/etnia, sexo/gênero, entre várias outras, e cada uma delas pode integrar tal pessoa em um ou outro grupo. É um “reconhecer-se e diferenciar-se entre as várias possibilidades que o indivíduo tem na constituição de si mesmo e, para tanto, é preciso comparar-se” (GALINKIN & ZAULI, 2011, p. 253).

Para Cardoso de Oliveira identidade social pode ser entendida como um fenômeno ideológico, um produto de representações coletivas polarizadas por grupos sociais em oposição latente ou manifesta, e só se faz inteligível quando referida a um sistema de relações sociais. Entende este autor que “o conceito de identidade pessoal ou social possui um conteúdo marcadamente reflexivo

ou comunicativo, posto que supõe relações sociais tanto quanto um código de categorias destinado a orientar o desenvolvimento dessas relações.” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976, p. 5). Através de suas identidades sociais os sujeitos se situam socialmente o que pressupõe um sistema classificatório, uma ordem social onde posições e hierarquias são definidas e as possibilidades e limites das interações entre os sujeitos são determinadas. A identidade social opera, assim, como um classificador para fins de relacionamento e organização social (BARTH, 1965; CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976).

A identidade social judaica pode ser categorizada como étnica, na concepção weberiana, uma vez que, judeus de diferentes origens partilham da crença em uma origem comum e traz a convicção de que pertencem a um mesmo povo, eleito pela divindade com a qual fez um pacto e se tornou portador de Suas mensagens (WEBER, 1994). E a etnicidade se caracteriza, segundo Weber (1980), por semelhanças no *habitus* externo, crença numa origem e história comuns, o que possibilita a construção de laços comunitários e o sentimento de comunidade, mesmo que não exista uma ‘comunidade de sangue efetiva’.

Partindo das concepções dos autores acima citados, que analisam e discutem o papel dos símbolos e dos ritos em diferentes contextos sociais daqueles que os realizam, argumentar-se-á neste texto como os símbolos e rituais, criados no âmbito da religião judaica a partir de versículos da *Torá*, dão visibilidade e concretude às incitações contidas no livro sagrado do judaísmo e, dessa forma, trazem os Mandamentos à lembrança em diferentes contextos e momentos da vida judaica e, ainda, preservam a identidade e o sentimento de comunidade judaicos. Foram selecionados apenas alguns versículos e os símbolos e ritos criados a partir deles para exemplificar a argumentação deste texto.

SÍMBOLOS E RITUAIS JUDAICOS

A obediência e subordinação aos mandamentos divinos, que não devem ser esquecidos e devem ser transmitidos a toda a comunidade e às gerações futuras, é exortada em Deuteronômio 31:12,

Reúne o povo, os homens e as mulheres, as crianças e o estrangeiro que está em tua cidade, para que ouçam e aprendam a temer Iahweh vosso Deus, e cuidem de por em prática todas as palavras desta Lei.

Esta incitação levou à leitura das Escrituras e no Livro dos Jubileus está explícito que esta recordação ritual da Aliança deve ocorrer semanalmen-

te. Esse mandamento se concretizou na leitura de pequenos trechos da *Torá*, durante o ano judaico, reiniciando a cada ano. Nos sábados, na liturgia do *Shabat*, um grande número de pessoas se reúne na sinagoga para ouvir a leitura do Livro Sagrado e ser chamado para ler um de seus trechos, o que é uma grande honra para o praticante da religião. Segundo os judeus que seguem os preceitos religiosos, a *Torá* é o coração do judaísmo e do povo judeu, e se não for lida continuamente o judaísmo se perde, assim como o povo de Israel, pois o coração deixa de bater.

As Escrituras só podem ser lidas em voz alta se houver um *miniam*, os dez homens que representam a comunidade, ou seja, se Israel estiver presente. E, na maioria das congregações religiosas, apenas os homens adultos estão autorizados a ler o *Sefer Torá*, o pergaminho onde esta escrita a *Torá*, feito por especialistas que seguem todas as prescrições de pureza ritual, tanto para confeccionar os rolos de pergaminho quanto para redigir seu conteúdo. Nas congregações reformistas as mulheres participam em igualdade aos homens, assim como em algumas congregações progressistas ou liberais.

Na simbologia dos ritos sinagogais, na qual a sinagoga é uma representação do Templo de Jerusalém, como descrito nos textos religiosos e históricos, onde os fiéis se encontravam para a realização dos sacrifícios em homenagem à divindade, os sacrifícios de animais foram substituídos pelas preces, a Arca da Aliança pela Arca Sagrada, as Tábuas da Lei pelo *Sefer Torá*, as cortinas que separavam o Santo dos Santos das outras áreas do Templo de Jerusalém, pela cortina que cobre a Arca, a luz permanentemente acesa no Templo, representando a luz e presença divinas, é simbolizada pela lâmpada, também sempre acesa, em frente à Arca Sagrada. A *menorá* do Templo, candelabro de ouro de sete velas, é representada na sinagoga por uma *menorá* feita de outro material, com o mesmo sentido de representar a sabedoria divina. A colocação da Arca na parede oriental da sinagoga, em direção à Jerusalém, é uma ligação simbólica com a Terra Santa.

A Arca Sagrada de uma sinagoga, representando a Arca da Aliança que Moisés mandou confeccionar para guardar as Tábuas da Lei, numa associação metafórica, simboliza a divindade, que traz dentro de si os Mandamentos. Nos relatos bíblicos Moisés falava com a Arca da Aliança como se estivesse falando com Deus, e evocava a divindade nos momentos de conflitos e guerras. Pouco antes de abrir a Arca na sinagoga, durante o Serviço da *Torá*, o oficiante evoca a presença divina com os dizeres bíblicos do Profeta:

Levanta-Te Eterno, e que os Teus inimigos se dispersem, e que os Teus adversários fujam diante de Tua presença. Pois que de Tsion sairá a lei, e a Palavra do Eterno de Jerusaleém. Bendito seja O que deu a Torá ao Povo de Israel.

Dessa forma, compõe-se um cenário com os símbolos necessários para fazer o passado presente e, nessa fusão de tempo e espaço, criam-se as condições para a realização dos cultos e para o contato da comunidade com o sagrado. Os fieis são, simbolicamente, transportados para o templo onde realizam os sacrifícios para a divindade, identificando-se com seus ancestrais.

A ordem para a transmissão das leis divinas aos filhos e a gerações futuras também aparece em Deuteronômio:

*Que estas palavras que hoje te ordeno estejam em teu coração.
Tu as inculcarás aos teus filhos e delas falarás sentado em tua casa e andando em teu caminho, deitado e de pé (Dt.6:6-7)
Recorda os dias que se foram, repassa gerações e gerações.
Pergunta ao teu pai e ele contará, interroga os anciãos e eles dirão (Dt.32:7, Cântico de Moisés).*

Entre as famílias que seguem mais estritamente os preceitos religiosos, a criança é iniciada nos ensinamento religiosos desde muito cedo. Goldberg e Rayner (1989, p. 355) analisam:

Fundamentalmente, a educação religiosa das crianças é responsabilidade de seus pais, apesar de ter sido considerada um dever apenas do pai em relação a seu filho. Isto porque os rabis do período talmúdico, aparentemente temerosos de que a aptidão literária pudesse expor moças judias à licenciabilidade da cultura greco-romana, inclinaram-se a considerar que a educação não era obrigatória para elas. Desde o Século XIX, entretanto, esta tendência foi reconsiderada pelo judaísmo progressista e, mais recentemente, até certo ponto, também pelo judaísmo ortodoxo.

Ainda no Deuteronômio, a disposição de Josué é uma das várias passagens do Pentateuco que exorta os seguidores a se lembrarem dos mandamentos diariamente, e a segui-los, constituindo parte da legislação bíblica. Textualmente diz:

Que o livro desta Lei esteja sempre nos teus lábios; medita nele dia e noite para que tenhas cuidado de agir de acordo com tudo que está escrito nele. Assim serás bem sucedido nas tuas realizações e alcançarás êxito (Dt. 6,6s:17-18).

Estas incitações a trazer sempre nos lábios, dia e noite, os Mandamentos, levou à criação de preces e bênçãos para diversas ocasiões, desde o ama-

nhecer até o anoitecer, que são observadas pelos religiosos, denominados pelos outros segmentos como ortodoxos. Assim, as prescrições da *Torá* se estendem para diversos espaços e ocasiões da vida religiosa judaica, não se limitando à sinagoga e aos ritos partilhados em grandes ocasiões.

Em Números e Deuteronômio a exortação a lembrar os mandamentos divinos, por sua vez, levou à criação de símbolos e objetos rituais, como a confecção do xale com franjas, o *talit*, usado pelos homens adultos durante ritos religiosos, e outra vestimenta usada pelos ortodoxos sob a camisa, o *talit katan* ou pequeno manto. Referem-se à colocação de franjas nas vestimentas para se lembrarem dos mandamentos:

Iahweh falou a Moisés e disse: Fala aos filhos de Israel, tu lhes dirá para as suas gerações que façam borlas nas pontas das tuas vestes e ponham um fio púrpuro na borla da ponta. Assim vos lembrareis de todos os meus mandamentos e os poreis em prática e sereis consagrados ao vosso Deus (Nm. 15:38-40).

Farás borlas nas quatro pontas do manto com que te cobrires (Dt. 22:12).

O *talit*, o xale ritual, e o *talit katan*, o pequeno xale, têm distribuídas em seus quatro cantos, franjas com 613 nós, as *tzitzit*, que representam os 613 mandamentos divinos contidos na *Torá*. Nas congregações ortodoxas apenas os homens adultos podem usar esses paramentos. Nas congregações reformistas e algumas liberais, também as mulheres usam o *talit* e participam de todos os momentos das cerimônias religiosas, inclusive a leitura da *Torá*. O xale de orações é usado pela primeira vez no rito de maioridade. Já o pequeno manto é usado diariamente pelos ortodoxos, desde a infância. Os mandamentos, simbolizados nas *tzitzit* são, assim, lembrados durante todo o dia com o uso do *talit katan*, e durante as cerimônias religiosas que exigem o uso *talit*, como nas liturgias na sinagoga.

Outro imperativo levou à confecção e uso dos *tefelín*, ou filatérios, uma das obrigações da vida adulta masculina, sendo usados pela primeira vez antes do *Bar Mitzvá*, rito de maioridade do menino judeu. Esse imperativo aparece tanto no Êxodo quanto no Deuteronômio com dizeres semelhantes:

Isto será, pois, como um sinal na tua mão e como um frontal entre teus olhos, porque Iahweh os tirou do Egito com mão forte (Ex. 13:16)

Tu a atarás também em tua mão como sinal, e serão como um frontal entre teus olhos (Dt.6:8).

Essas prescrições foram concretizadas na confecção de dois pequenos cubos de couro, contendo em seu interior as passagens do Êxodo (13,1-16) e do Deuteronômio (6,49; 11,13-21), escritas em pequenas tiras de pergaminho, também confeccionados por especialistas segundo os princípios de pureza ritual. Os cubos atados a tiras, também de couro, *os tefelín* ou filatérios, devem ser usados por homens adultos, em um ritual matinal, todos os dias da semana, exceto no *Shabat* e nas festas. Um *tefelín* é atado na testa, “como um frontal entre os olhos”, e outro no braço, terminando com um nó entre os dedos da mão esquerda, com o um sinal “em tua mão”.

Dessa forma a confecção do *talit* e do *talit katan* com suas *tzitzit*, e dos filatérios, é a materialização das determinações do Êxodo e do Deuteronômio e seu uso a ritualização criada para atendê-las. A lembrança dos mandamentos divinos, atualizada no uso dos xales e no rito dos filatérios, permanece assim, não apenas na mente, mas se concretiza em objetos simbólicos colocados sobre o corpo, tornando-se visível, como também são visíveis através dos rituais. Os filatérios sendo usados, tradicionalmente, apenas por homens adultos, sua primeira colocação anuncia a maioridade do menino e antecede à primeira leitura pública da *Sefer Torá* – o rolo de pergaminho do Pentateuco, sendo os dois ritos partes que se complementam no ritual de passagem e iniciação do menino na vida adulta religiosa.

Os filatérios devem ser usados sobre a pele, colocando-se primeiro o do braço quando se recita a oração: “Louvado seja o Senhor, nosso Deus, Rei do Universo, que nos santificou com Seus mandamentos”. A tira é então enrolada sete voltas no braço esquerdo, terminando em três voltas em torno do dedo médio. Em seguida coloca-se o da cabeça dizendo a parte final da bênção “e nos ordenou a observar o preceito do *tefelín*”. O final da tira do braço é dobrado na mão formando a letra *shin*. A tira no braço esquerdo, perto do coração, forma a letra *yod* e a tira da cabeça, a letra *dalet*. Juntas, as três letras formam a palavra *Shadai*, um dos nomes hebraicos de Deus. Ao final das orações, são retiradas no sentido inverso de sua colocação, primeiro a da cabeça em seguida a do braço. Dessa forma, não apenas os mandamentos estão presentes e visíveis com o uso dos *tefelín* mas, também, a divindade está na mente, no coração e nas ações do praticante.

A aliança entre a divindade e Israel é expressa como um casamento quando, ao enrolar as tiras no braço, recita-se uma bênção que diz:

Eu te desposarei a mim para sempre, te desposarei a mim na justiça e no direito, no amor e na ternura. Tê desposarei a mim na fidelidade e tu conhecerás o Senhor (Oséas, 2:21-22)

O “contrato matrimonial” entre Israel e Deus aparece em outras ocasiões, como no *Shabat*, quando este simboliza a rainha ou a noiva, e a comunidade o noivo, vivendo suas núpcias numa suspensão sagrada das rotinas diárias durante o *Cabalá Shabat*. Ao mesmo tempo a comunidade é a noiva em núpcias com a divindade.

O significado do casamento é comentado por Phyllis Bird (1974, p. 64) que observa:

O hebraico não tem um termo especial para esposa, mas usa a palavra comum ‘mulher’ (‘ssah) no genitivo com o nome do marido (mulher de NN) [...]. Também não há um termo específico para ‘marido’ sendo o termo relacional ba’al (mestre) frequentemente usado na construção do genitivo correspondente em lugar do termo genérico homem (is) (homem/senhor de NN)

A autora argumenta que temos aí uma indicação das relações marido/esposa em que o marido é o senhor de sua mulher, a quem ela está subordinada. Pode-se, portanto, pensar na metáfora do casamento entre Israel e Deus, expressa no ritual, como a indicação de uma relação de subordinação e dependência da divindade. As injunções e prescrições contidas na Torá em relação à responsabilidade para com os Mandamentos são dirigidas aos homens, ficando as mulheres à parte do Pacto Sagrado.

Uma interpretação atual, dada por alguns ortodoxos ao fato de não haver referência às mulheres, no que diz respeito ao cumprimento dos mandamentos divinos e à sua participação no Pacto, é que mulheres já nascem no Pacto, sendo as guardiãs da observância dos mandamentos.

COMENTÁRIOS FINAIS

Transformar as determinações contidas no livro sagrado em símbolos e rituais é ter sempre presentes e visíveis, de forma condensada, as determinações da *Torá*. É lembrar os ensinamentos do texto sagrado em diferentes ocasiões, ensinamentos que não se resumem a questões religiosas mas, também, éticas e legais, dos costumes, da história e dos mitos dando unidade às pessoas de diversas origens nacionais e, ainda, o sentimento de ser um povo. É preservar

a identidade do grupo e o sentimento de comunidade. É, ainda, um meio de socializar os mais jovens para os princípios e valores do grupo, para o seu reconhecimento como distintos e para a assunção da identidade grupal.

As narrativas bíblicas, ao serem lidas e relidas ano após ano ritualizando-as, reafirmam a origem do grupo e sua ligação com um território mítico e sagrado, seu pacto com a divindade e sua condição de povo eleito. E os ritos não só ativam a lembrança de histórias e mitos, mas, também, de princípios gerais de conduta, de códigos éticos e de leis civis e religiosas. A leitura semanal de trechos da *Torá*, ano após ano, na mesma sequência, nos mesmos dias, em todas as congregações judaicas dão, ainda, um sentido de unidade, de comunidade, quando todos os judeus celebram e relembram sua origem e sua singularidade (RAMAGEM, 1994) que se afirma em uma prática que socializa os novos membros, garantindo a continuidade do grupo. Pode-se dizer que tanto a identidade individual quanto a do grupo se preservam e se revigoram a cada lembrança ativada nos rituais oriundos das prescrições da *Torá*.

Os rituais têm ainda um papel socializador para os valores, crenças e representações sociais do grupo quando estes são repetidamente transmitidos, de forma explícita ou codificada, por vários canais de comunicação simbólica. Em uma mudança de posição social cujo objetivo é, por exemplo, conferir uma nova identidade àquele que se submete à cerimônia, como no caso dos ritos de maioridade, nos casamentos, conversões e outros mais, os pressupostos ideológicos que dão significado à mudança e ao novo *status* estão presentes no ritual. Ao noviço é possibilitada a apropriação dos conteúdos culturais do novo estado e das condições formais para que possa, a partir de então, assumir a carreira moral de sua nova situação social, com os direitos e responsabilidades a ela ligados (HAYS & HAYS 1982).

Os símbolos e rituais, portanto, além de comunicação simbólica, transformam a realidade social, conferem identidades e têm um papel pedagógico, oferecendo modelos para identificações através de seus conteúdos simbólicos, que podem ser reconhecidos em diversos momentos das cerimônias com as ideias centrais codificadas tanto na estrutura quanto no conteúdo das realizações. O que foi introjetado no decorrer de uma socialização, incluindo conteúdos psicológicos e atitudinais, idealmente concebidos pelo grupo social, é tornado visível, externalizado e dramatizado durante a cerimônia (TURNER, 1974; HAYS & HAYS; 1982), e novamente internalizado num processo de auto reconhecimento e de identificação. E a preservação da organização e identidade do

grupo depende da transmissão às novas gerações dos princípios e valores que irão orientar tanto sua conduta como distintos, quanto o seu relacionamento com outros grupos (BRANDÃO, 1986) assim como o relacionamento interno. A própria performance ritual é, assim, uma demonstração da distintividade de seus realizadores, tornando público quem são eles, expressando sua identidade que pode ser definida como étnica. Dessa forma os símbolos e ritos judaicos preservam a lembrança dos mandamentos, atualizam a identidade do grupo mantendo, ainda, o sentimento de comunidade.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- AUSTIN, J.L. *Quando Dizer é Fazer*- palavras e ações. , Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BARTH, F. *Ethnic groups and Bouderies: the social organization of Cultural Differences*. Chicago: Little Brown Co., 1965.
- BIRD, P. *Images of Women in the Old Testament*, in: Rosemary Radford Ruether (ed.), Religion and Sexismo. New York: Simon and Schuster, 1974.
- BRANDÃO, C.R.. *Identidade e Etnia*- Construção da Pessoa e Resistência Cultural, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1976.
- DOUGLAS, M. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva, Coleção Debates, 1976.
- GALINKIN, A.L., & ZAULI, A., Identidade social e alteridade. In: Claudio Vaz Torres & Elaine Rabelo Neiva (Org.). *Psicologia Social, principais temas e vertentes*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- GALINKIN, A.L. *Os Filhos dos Mandamentos*- uma discussão sobre a identidade judaica no contexto dos rituais de maioridade *Bar Mitzvá* e *Bat Mitzvá*. São Paulo: USP/SP, 2001. 218 f. Tese (doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.
- GOLBERG, D.J. & RAYNER, J. *Os Judeus e o Judaísmo*. Rio de Janeiro: Xenon Ed, 1989.

HAYS, T.E. e HAYS, P.H., *Opposition and Complementarity of the Sexes in Ndumba Initiation*, in: Gilbert H. Herdt (ed.), *Rituals of Manhood: Male Initiation in Papua New Guinea*. Los Angeles, London: University of California Press, 1982.

LEACH, E. *Ritualization in Man*, in: *Philosophical Transactions of The Royal Society*, B, nº 722, vol. I, 1966.

_____. *Cultura e Comunicação - A lógica pela qual os símbolos estão ligados*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1978.

LEVI-STRAUSS, C. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1991.

MEZAN, R. *Psicanálise e Judaísmo: Ressonâncias*. Campinas, Ed. Escuta, 1987.

RAMAGEM, S.M.B. *A Fênix de Abraão: Um Estudo sobre Cristão-Novos Retornados ao Judaísmo de seus Ancestrais*, Brasília, 1994.

TAMBIAH, S.J. *Culture, Thought and Social Action - an Anthropological Perspective*. Cambridge, Massachusetts and London: Harvard University Press, 1985.

TURNER, V. O. *Processo Ritual- estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1974.

WEBER, M. *Rasgos Principales de las Religiones Mundiales*. In: Roland Robertson (ed.), *Sociología de la Religión*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1980.

_____. *Economia e Sociedade*. Brasília: Editora UnB, 1994.

VAN GENNER, A. *The Rites of Passage*. Chicago: Chicago Press, 1960.

YERUSHALMI, Y.H. *Zakhor, História Judaica e Memória Judaica*. Rio de Janeiro: Ed. Imago. 1992.